

R.A.P. ENSINA: as possibilidades educativas que permeiam as práticas do movimento Hip Hop

Adriana do Carmo de Jesus*

RESUMO

O artigo discorrerá a respeito dos processos educativos que permeiam as práticas do movimento Hip Hop, mais especificamente do rap. O foco aqui será o trabalho desenvolvido pelo coletivo de rap Família M.L.K. e por um músico/rapper que desenvolve projetos sociais com adolescentes afrodescendentes em espaços não escolares, como em organizações não governamentais, centros comunitários, etc. sempre utilizando linguagem musical.

Este trabalho está centrado na linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais. Neste sentido compreendemos o movimento Hip Hop na perspectiva de um movimento social produzido por jovens de periferia, em maioria afrodescendentes, que buscam o protagonismo social através das expressões artísticas da dança, artes visuais, discotecagem e especialmente através do gênero musical rap.

Palavras-chave: educação não escolar, Hip Hop, rap, afrodescendente, protagonismo social.

... Educa-se na medida em que "se torna pessoa", em que contribui para o fortalecimento da comunidade.
(SIQUEIRA, 2004, p. 33)

Com o título *Rap e educação: as possibilidades educativas que permeiam as práticas do movimento Hip Hop*, o artigo deu-se a partir de pesquisas a respeito dos processos educativos não escolares, sendo que o foco da pesquisa foi a educação e o gênero musical rap. Assim, buscaremos, no estudo sobre as práticas do fazer e do ensinar o rap, a compreensão das possibilidades educativas que permeiam este meio, bem como as contribuições destas práticas para a formação política dos jovens das periferias urbanas.

O movimento Hip Hop surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 nos bairros pobres das grandes cidades norte-americanas com o intuito de proporcionar ao jovem de periferia lazer e sociabilidade; no entanto, a linguagem artística da música, dança e desenho logo conferiu ao movimento Hip Hop forte característica de luta e resistência à condição econômica e cultural em que se encontram os jovens de periferia no sistema capitalista. De acordo com Magro

O movimento hip hop, originado da necessidade de sociabilidade de jovens das periferias de grandes centros urbanos, oferece ao espaço urbano (bairros, ruas, esquinas, escolas) elementos de identificação e formação de adolescentes, que se traduzem na resistência à ideologia dominante, disciplinadora e mercadológica, que constitui a indústria cultural e seus símbolos (2002, p. 10).

* Graduada em pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)(2009); professora alfabetizadora da Rede Estadual de Educação – SP, e contadora de histórias do município de Monte Mor, SP; mestranda em Educação com bolsa Capes PPGE-UFSCar. E-mail: adrianapedago@gmail.com.

Assim, o Hip Hop surge como movimento cultural juvenil nos bairros pobres dos E.U.A. nos últimos anos da década de 1960. Em geral esses bairros pobres são conhecidos como guetos e formados por negros e latinos.

Nesse movimento há a linguagem artística da música (RAP – Rhythm and Poetry, de mc's e dj's), da dança (Break) e da arte plástica (Grafite).

No Brasil, o Movimento Hip Hop chegou em meados da década de 1980, primeiramente na cidade de São Paulo, e logo assumiu forte expressão entre os jovens das periferias urbanas. Rapidamente, muitos grupos de rap foram formados em diversas cidades do país, favorecendo a criação de um meio fecundo para mobilizações e conscientização social entre os jovens engajados com o Movimento Hip Hop.

Em sua maioria, os grupos de rap foram se articulando em Posses, organizações que buscam ocupar espaços de atuação no campo social para reivindicar os direitos de cidadania plena, participação em mercado de trabalho e luta contra a violência policial e a discriminação étnica e social (Andrade, 1999, p. 176).

Podemos considerar as Posses do movimento Hip Hop como organizações sociais caracterizadas pelo comprometimento com a educação não escolar ou não formal,¹ pois tem explicitamente o objetivo de reunir jovens de periferia para uma ação coletiva voltada para uma conscientização política e de exercício da cidadania, para a aprendizagem de conteúdos que não são abordados com profundidade na escola (como, por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo brasileiro) e para a produção artístico-cultural (Magro, 2002, p. 8).

Há também coletivos menores que as Posses que se denominam Bancas. As Bancas, bem como as Posses, são coletivos que se organizam com a finalidade de se articularem politicamente em busca do protagonismo social,² de modo a construir estratégias de ação coletiva para a superação das limitações da democracia representativa e pela conquista e concretização de direitos políticos, culturais e estéticos (Rodrigues & Gonçalves, 2002, p. 17).

¹ O conceito de *educação não formal* é definido por Gohn (1997) como um processo de quatro dimensões. A primeira dimensão envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos como cidadãos; a segunda, a capacitação dos indivíduos para o trabalho; a terceira é aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários; e a quarta é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal. A educação não formal se caracteriza também por haver uma intencionalidade dos sujeitos para criar ou buscar certos objetivos por meio de ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais.

² O protagonismo social é a ação de um grupo, classe ou segmento da sociedade que se coloca como principal sujeito na dinâmica social, é a forma de se afirmar como sujeitos históricos.

Os movimentos sociais são coletivos que se constituem em processos de lutas e construção de ideários em contextos específicos. E indicam, rigorosamente, mudança (movimento) de lugar (social), sempre recusando o lugar social que lhes são impostos por uma ordem socioespacial hegemônica (Gonçalves, 2002, p. 17).

Neste sentido, o Hip Hop aqui será considerado um movimento social produzido pelas juventudes das periferias urbanas que, através dos segmentos artísticos do break, grafite e rap, constroem discursos e práticas que contestam a ordem hegemônica.

O foco da pesquisa será as práticas do educador e rapper Antonio Frederico Pereira, o Fred. O educador Fred é integrante do grupo de rap Conceito Real, idealizador e pioneiro do coletivo Família M.L.K. (Martin Luther King), no município de Campinas, SP. Assim, através das práticas de suas práticas que articulam rap e educação encontraremos mais elementos e propriedades para refletir acerca das contribuições do rap para a formação dos jovens de periferia, especialmente os jovens afrodescendentes.

Entendemos que é relevante compreender as possibilidades educativas que permeiam as práticas do movimento Hip Hop devido à forte e crescente expressão deste movimento entre jovens; para expressiva parcela dos jovens de periferia o rap (Rhythm and Poetry) é um instrumento que promove democracia e justiça social, e tem como objetivo a denúncia das desigualdades e discriminação, transformando-se em um veículo de formação política e transmissão de conhecimentos, através de mecanismos culturais de inserção, por meio de práticas discursivas, musicais e estéticas (Silva, 2001, p. 15).

O Hip Hop, em especial o rap, é uma das formas de expressão que jovens excluídos socialmente encontraram para escutarem e serem escutados,³ também é uma forma encontrada na tentativa de superar as condições de preconceito e desvalorização étnica.

HIP HOP: COMO SURTIU E O QUE É HOJE

O movimento Hip Hop surgiu nas grandes cidades norte-americanas com o intuito de proporcionar ao jovem de periferia lazer e sociabilidade; no entanto, a linguagem artística da música, dança e desenho logo conferiu ao movimento Hip Hop forte característica de luta e

³ Aqui a ideia de exclusão social remete a grupos que não possuem facilidades e garantias de acesso aos bens e direitos sociais, como cultura e educação de qualidade. Neste sentido, as lutas sociais são relevantes e buscam a inclusão social de setores – como os juvenis – que são considerados excluídos por estarem em desigualdades socioeconômicas e culturais (dadas pelas condições do sistema educacional, etnia, faixa etária, gênero, etc).



resistência à condição econômica e cultural em que se encontra o jovem de periferia no sistema capitalista.

O movimento hip hop, originado da necessidade de sociabilidade de jovens das periferias de grandes centros urbanos, oferece ao espaço urbano (bairros, ruas, esquinas, escolas) elementos de identificação e formação de adolescentes, que se traduzem na resistência à ideologia dominante, disciplinadora e mercadológica, que constitui a indústria cultural e seus símbolos (Magro, 2002, p. 11).

Alguns autores, como Rose (1997) e Rodrigues (2005), afirmam que as primeiras manifestações do movimento Hip Hop ocorreram no final da década de 1970 e em bairros formados por negros e imigrantes latinos, jamaicanos, mexicanos, porto-riquenhos. etc. Esses imigrantes latinos, em sua maioria, chegaram aos Estados Unidos da América nos anos que sucederam à segunda guerra mundial, período de expressivo crescimento econômico e fortalecimento político do Estado norte-americano. Naquele período, uma quantidade expressiva de pessoas migrou do arquipélago Caribenho em direção aos EUA, devido aos problemas econômicos e políticos daquelas ilhas.

Na década de 1960, era comum na Jamaica o “sound systems” – companhia de som. A população dos guetos jamaicanos ia para as ruas e escutava músicas nesses “sound systems” que eram, na época, algo que se aproximava, em semelhança, aos trios elétricos utilizados no Brasil, sobretudo nos carnavais da Bahia, só que em proporções menores. E, a partir das músicas instrumentais, com ritmos jamaicanos, os “toasters” (vocalistas) cantavam falando frases e discursos sobre as carências da população, os problemas econômicos, a violência nas favelas, enfim, sobre a dificuldade em geral da classe social que habitava nos guetos.

Com a expressiva migração de caribenhos para o EUA no período entre as décadas de 1960 e 1970 e com a falta de estrutura para receber os imigrantes, estes encontraram muitas dificuldades para se estabelecerem em outro país e acabaram por morar em guetos estadunidenses, o mais conhecido é o Bronx. Em geral, os guetos formaram-se a partir da segregação por nacionalidades; assim, existiam guetos somente de negros afro-americanos, guetos jamaicanos, guetos porto-riquenhos, etc. E neste existiam uma forte rivalidade entre gangues violentas que disputavam, entre outras coisas, espaço das ruas, além de buscarem visibilidade.

Assim, foi nas ruas, também, que os d.j.’s (disc jockeys) Afrika Bambaataa e Kool Herc tiveram a iniciativa de levar o “sound systems” - para as ruas dos guetos estadunidenses e montar bailes com o intuito de diminuir a violência. Iniciaram-se campeonatos de danças – break – e nestes as gangues rivais passaram a realizar suas disputas, logo deixando de lado as brigas e confrontos violentos.



Estas disputas de dança passaram a ser narradas pelos mc's (mestres de cerimônia) e divulgadas ao público jovem através das mensagens gráficas conhecidas como grafite. Mas, desde sua gênese, rejeitada pela cultura branca ocidental e, conseqüentemente, mal vistas pela sociedade, polícia e mídia.

Assim, se constituíram as linguagens artísticas da música (RAP – Rhythm and Poetry, feito por mc's e dj's), da dança (Break) e da arte plástica (Grafite). O nome Hip Hop, respectivamente saltar e mexer os quadris, surge no mesmo período – entre os anos 1960 e 1970.

O RAP COMO MOVIMENTO POLÍTICO NA SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO

No período entre as décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, movimentos culturais e políticos se fortaleciam buscando conquistar mais direitos civis. Dentre os principais líderes de movimentos negros organizados destacamos Malcolm X e o reverendo Martin Luther King Jr., ambos assassinados devido à repressão policial e civil aos movimentos de defesa dos direitos do povo negro.

O cantor James Brown, nesta época, já brilhava como referência musical, e suas músicas que remetiam ao orgulho negro já faziam sucesso. O clima era de efervescência política e, após a morte dos citados líderes negros – final dos anos de 1960 –, surge uma organização negra radical e armada amplamente conhecida como Black Panthers, ou panteras negras. Este grupo armado se posicionava contra a discriminação e a violência aos negros e combatiam grupos como o Ku Klux Klã e, até mesmo, a polícia.⁴ Em geral, não tinham o apoio das grandes mídias, pois os meios de comunicação em massa, inclusive a indústria fonográfica, eram predominantemente da elite branca (ou será que ainda são?).

O povo negro vivia um cotidiano violento que se somava ao descaso do Estado e à falta de políticas públicas para a população dos guetos. Paralelo a este acontecimento ocorria a guerra do Vietnã, na qual muitos jovens negros lutavam pelos Estados Unidos da América.

E, nos guetos de Nova Iorque, a situação se complicava, pois gangues de jovens frequentemente entravam em conflitos violentos na disputa por espaços nas ruas e na busca por visibilidade.

⁴ Ku Klux Klã é o nome de organizações racistas dos E.U.A. que se apoiavam no argumento da supremacia branca e seu objetivo era impedir a integração social dos negros. Em 1872 o grupo foi reconhecido como uma entidade terrorista e foi banida dos Estados Unidos.



A partir deste contexto, Afrika Bambaataa e Clive Campbell, conhecido como Kool Herc, têm a iniciativa de levar os equipamentos eletrônicos de som para as ruas – e montar bailes com o intuito de diminuir a violência. Iniciaram-se campeonatos de danças – *break* – narrados pelos mestres de cerimônia, os populares MC's. Assim, o rap surge com o intuito de proporcionar ao jovem de periferia lazer e sociabilidade; de modo a proporcionar a estes um cotidiano menos violento. Anos depois, Afrika Bambaataa funda uma instituição de âmbito mundial que difunde a paz e a cultura Hip Hop em diversos países, esta organização ficou conhecida como Zulu Nation.

Na cultura Hip Hop, o rap é a linguagem artística da música, composta e cantada pelos mc's. Atualmente, este confere ao movimento Hip Hop a forte característica de luta e resistência à condição econômica e social marginal em que se encontra o jovem de periferia no sistema capitalista.

A sigla rap vem do inglês *rhythm and poetry*, e em português significa ritmo e poesia.⁵ Considera-se que o rap, bem como a cultura Hip Hop, fora constituído por negros, oriundos de diversos países, na tentativa de resgatar elementos da cultura africana. Andrade aponta que

O rap – canto falado ou fala rítmica, se assim podemos nos referir – era um estilo artístico comum entre os jamaicanos que “falavam cantando” sobre os acontecimentos sociais, sem se deixarem vencer pelo acelerado ritmo musical. Levado aos Estados Unidos como atributo comum da cultura jovem, o rap fora incorporado na prática dos jovens pobres dos guetos, que se identificavam com este estilo musical que ultrapassa o limiar da “criação” jamaicana. O rap é um estilo musical de origem negra. É uma prática de canto falado, costume rotineiro dos negros da África ocidental (1999, p. 118).

No entanto, sempre sem o apoio das mídias, como por exemplo, a televisão que tradicionalmente colocou a cultura negra, mais particularmente o rap à margem de sua programação; fato que consideramos não somente corroborar para com a discriminação sociocultural, mas, principalmente com a marginalização e associação à criminalidade sofrida por parte dos integrantes do movimento Hip Hop.

RAP NACIONAL SEM AS GRANDES MÍDIAS: O SOM QUE BATE FORTE

A música negra estadunidense (como o funk e soul) começou a chegar ao Brasil a partir de 1970, no entanto com restrições, pois este gênero musical não era – e, talvez ainda não seja – o preferido da indústria fonográfica brasileira.

⁵ Em conversas informais alguns rappers se referiram a significados como revolução através das palavras.



Entretanto, o rap começou a ter repercussão no Brasil nos primeiros anos da década de 1980, através dos vinis (LP's) e das publicações (revistas) que eram vendidas nas galerias de São Paulo que praticavam comércio informal. E os primeiros territórios ocupados pela juventude adepta ao movimento foram a Galeria da Rua 24 de Maio, a Estação do Metrô São Bento e a Praça Roosevelt na Avenida Consolação, todos localizados na cidade de São Paulo (Siqueira, 2004, p. 20-21).

Siqueira (p. 19), também sinaliza que a ocupação de espaços públicos (como ruas e praças) para manifestações artísticas, sobretudo musicais, é um hábito antigo desenvolvido pelos “pretos paulistanos”. Hábito este incorporado pelos jovens do movimento Hip Hop, este que se constitui, também, em um movimento cultural que é produzido nas ruas como atitude de resistência, visto que não havia outros espaços sociais possíveis para que os jovens do movimento produzissem esta cultura.

Alguns dos pioneiros do Hip Hop e do rap nacional (como Nelson Triunfo, Thaíde e D.J. Hum, entre outros) são atualmente protagonistas e ícones da cultura Hip Hop mundial. Inclusive um dos primeiros LP's (disco de vinil) de rap lançados no Brasil é datado de 1984 pela dupla Thaíde e D.J. Hum. Este LP, com o título “Cultura de Rua”, obteve grande repercussão e impacto social por tratar de questões etnicorraciais, e principalmente por relatar as difíceis condições de vida e as diferentes formas de socialização dos jovens das periferias paulistanas.

Outros dois grandes marcos em âmbito nacional para o Hip Hop foram o lançamento dos discos (LP's) “Raios-X do Brasil” que data 1993 e contém as músicas “Fim de semana no Parque” e “Homem na Estrada”, bem como regravações de faixas de discos anteriores⁶ e o lançamento do álbum (Cd) “Sobrevivendo no inferno”, 1997, do grupo Racionais MC's. Estes que curiosamente atingiram recordes de vendagem sem o auxílio e divulgação da grande mídia (televisão, jornais, emissoras de rádios comerciais, etc.).

É interessante ressaltar ainda que o sucesso das músicas do grupo Racionais MC's contribuiu significativamente para que o rap nacional obtivesse maior visibilidade entre jovens de diferentes perfis,⁷ a considerar que a mídia passou a dar maior enfoque ao cotidiano e estilo de vida dos jovens periféricos.

⁶ Os dois primeiros discos do grupo Racionais Mc's, anteriores ao LP “Raios-X do Brasil, 1993”, são respectivamente “Holocausto Urbano” e “Escolha seu Caminho”.

⁷ Dentre estes os jovens de classe média.



Assim, no Brasil, o gênero musical rap, bem como toda prática cultural do movimento Hip Hop, tornou-se forma de expressão significativa para narrar as histórias de vida e o cotidiano dos jovens negros das periferias urbanas.

No entanto, a cultura Hip Hop, em especial o rap, por vezes, é associada à criminalidade, apontada e generalizada, pelos meios de comunicação em massa e senso comum, como gênero musical que excita e faz apologia à violência. Tal fato se deve em parte ao processo histórico de marginalização do negro e desvalorização de sua cultura, o que corroborou para a construção da identidade de infrator associada aos jovens negros.

Em terras brasílicas, o processo histórico de marginalização da cultura negra inicia-se na comercialização e escravização de africanos, estes que foram retirados de suas terras por europeus e transportados para o continente americano em condições subumanas nos navios negreiros. Assim, o negro fora violentamente introduzido no Brasil para executar tarefas e atividades que a cultura europeia julgava de pouco valor, mas necessária para o desenvolvimento econômico e social da colônia.

Portanto, é evidente que os povos africanos e suas culturas são desvalorizados e segregados já na chegada ao território brasileiro, outrora colônia portuguesa. Torna-se perceptível que no Brasil os referenciais sociais (como religião, arte, biótipo, etc.) priorizavam, e ainda priorizam, um padrão hegemônico: o europeu, em detrimento de outros povos e culturas, em especial a africana.

Aqui a cultura negra e seus elementos (como a religião, os dialetos, a dança, a música) foram desvalorizados e marginalizados, principalmente quando produzida por negros. E, neste sentido apontamos o Movimento Hip Hop, que é um produto cultural negro, como alvo de críticas e discursos, em maioria infundados, elaborados a partir de uma tradição de marginalização, segregação e desvalorização.

Nas letras de rap, os jovens compositores brasileiros relatam temas como as dificuldades enfrentadas pelo afrodescendentes, a cultura afro-brasileira (religião, festas, heróis e datas negras) e as desigualdades sociais; tais temas são pouco comuns aos produzidos e divulgados pela indústria fonográfica e mídia brasileira. E, neste sentido, o gênero musical rap resgata a centralidade da cultura negra e dos jovens negros que, por vezes, não são referenciais sociais e não constituem os padrões estéticos amplamente divulgados na mídia brasileira.

Os jovens do Hip Hop expressam a cada grafite, movimento de break ou letra de rap uma realidade muito particular a quem sofre cotidianamente com a violência policial; o preconceito etnicorracial; a privação ao acesso à informação, à educação de qualidade, aos bens de consumo, etc.

RAP E EDUCAÇÃO: ESPAÇOS E POSSIBILIDADES PARA A SUPERAÇÃO

Na tentativa de compreender o rap como possibilidade educativa, relatamos algumas discussões a respeito de experiências que buscaram articular rap e educação. Estes relatos acabarão por trazer “à tona” uma pequena parte dos saberes que permeiam as práticas do coletivo Família M.L.K. (Martin Luther King), do grupo de rap Conceito Real e das oficinas do educador Antonio Frederico Pereira – o Fred.

O grupo de rap Conceito Real surgiu no final do ano 2000 a partir da união de alguns jovens negros oriundos da periferia de Campinas. Estes se reuniam com o propósito de proporcionar espaços de informação e formação política; bem como resgatar nos jovens negros valores como a autoestima e valorização da cultura afro-brasileira. Em sua primeira formação o grupo possuía quatro integrantes, sendo três mulheres (mc's) e o rapper Fred (naquele momento d.j.). O Conceito Real é formado por Fred (m.c.), Chakal (backing vocal), Shocos (backing vocal), Ricardo (m.c.) e Dúh (d.j. e produtor). Sendo que o primeiro é pioneiro do grupo e idealizador de diversos projetos em educação, formação política e cultura encabeçados pelo grupo.

Geralmente, o grupo Conceito Real realiza seus ensaios em encontros semanais na residência de seus integrantes Fred ou Chakal e em menor incidência na Casa do Hip Hop de Campinas, localizada na região central da cidade.⁸ Estes encontros são espaços criados pelo grupo para ensaiarem as canções, trocarem experiências, relatarem as impressões dos eventos que participam e os acontecimentos da semana, bem como discutir sobre as dificuldades cotidianas enfrentadas, tais como a escassez de recursos, a falta de apoio a projetos ligados ao rap, à discriminação e ao preconceito etnicorracial.

No ano de 2000, o grupo contribuiu com uma faixa musical na coletânea “Revolução com a Nossa Cara”, representando o interior do estado de São Paulo; esta coletânea foi lançada em âmbito nacional.

O projeto da coletânea “Revolução Com a Nossa Cara” reúne grupos de rap de diversas regiões do Brasil, e foi idealizado por rappers e articulações políticas juvenis como a União da Juventude Socialista (UJS) e objetivou integrar as atividades de grupos de rap de diferentes regiões do país.

No ano de 2006, o grupo Conceito Real lançou seu primeiro álbum, com o título “Nunca Deixe de Sonhar”, gravado no estúdio MKF Studio e distribuiu uma tiragem de 1.000 cópias como

⁸ A Casa do Hip Hop da cidade de Campinas é uma conquista da juventude do Hip Hop campineiro; o espaço foi cedido pela Secretaria de Cultura do município em 2000 e está localizada em uma desativada estação ferroviária da região central da cidade onde atualmente, também, se encontra a Secretaria de Cultura, e recebe o nome de Estação Cultura.



produção independente. Tal produção foi totalmente custeada pelos integrantes atuais do grupo; fato que, por vezes, permite maior liberdade de expressão e crítica.

Ao analisarmos as composições e os conteúdos das letras que constituem o álbum “Nunca Deixe de Sonhar”, 2006, percebemos a forte influência de líderes como Martin Luther King Jr. e Mahatma Ghandi, estes que possuem forte orientação pacifista, e que pregam a revolução não violenta. Neste sentido, encontramos ao longo das faixas musicais inúmeras menções a estes líderes e muitas frases de efeito que buscam desencadear reflexões e possibilitar mudanças de posturas políticas e ideológicas.

Atualmente (2008), o grupo está produzindo o primeiro DVD que narrará a história do grupo; conterà entrevistas com seus integrantes que falarão um pouco sobre suas histórias individuais e lançará um videoclipe da música “Menina Mulher Bem Me Quer” faixa do álbum “Nunca Deixe de Sonhar”.

A música composta por Fred conta uma história romântica verídica, acontecida com ele há alguns anos atrás. A letra chama a atenção pelo fato de colocar em evidência a mulher negra, sua beleza e atratividade. Age no sentido de resgatar o orgulho e a estima das jovens negras que, em geral, não ocupam centralidade nos meios de comunicação em massa e em outros gêneros musicais.

Ainda, em relação a esta letra de música, foi produzido e lançado no ano de 2008 um clipe que relata a história, no qual os personagens principais são jovens negros.

Em relação ao clipe musical lançado pelo grupo Conceito Real, apontamos que esta produção permite a compreensão que o gênero musical rap pode exercer um papel de colaborador na construção e afirmação da identidade negra positiva, à medida que proporciona elementos de identificação étnica, ou seja, ao produzir e divulgar um clipe no qual os personagens principais são negros o grupo gera e reforça novos referenciais estéticos, sociais e culturais que agem no sentido de resgatar a estima e o orgulho dos jovens negros.

Sinalizamos, também, que as letras de rap gravadas pelo grupo Conceito Real, produzidas no seio do coletivo Família M.L.K. e pelo educador e rapper Fred desenvolvem exatamente temas e conteúdos que buscam valorizar os jovens negros, seus ideais e suas perspectivas. Tais letras referem-se à importância da autovalorização e do orgulho de ser negro; à construção de uma cultura de não violência e ao questionamento e repulsa ao consumo de drogas lícitas ou ilícitas; à necessidade de maior articulação e discussão política entre os jovens em prol de conquistas sociais voltadas para a própria comunidade; à beleza negra, de modo a propor outro referencial estético cujo cabelo crespo, os lábios grossos, a pele negra entre outras características, também, sejam valorizadas.

O grupo Conceito Real e seu idealizador, Fred, estão à frente de diversos projetos na comunidade da vila Costa e Silva, Campinas e em outras regiões da cidade; de modo geral, tais projetos buscam trabalhar questões relacionadas à identificação etnicorracial e à formação política de jovens de periferia.

Dentre os projetos liderados pelo rapper Fred está o coletivo Família M.L.K. (Martin Luther King) que desenvolve atividades ligadas à cultura jovem, na qual o Hip Hop está inserido; em geral estas atividades buscam incentivar os jovens que participam do coletivo a adotarem posturas políticas pacifistas de participação e debate.

O coletivo Família M.L.K. deu início às suas atividades no dia 04 de abril de 2008,⁹ a partir da iniciativa de um grupo de educadores ligados ao movimento Hip Hop dispostos a organizar, incentivar e promover o surgimento de talentos ocultos nas periferias urbanas do interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais, buscando desenvolver projetos que possuam foco principal na arte e na educação.

O grupo de educadores, coordenado por Fred, possuía no começo de suas atividades grande preocupação com a falta de articulação do movimento Hip Hop campineiro e com a expressiva quantidade de jovens moradores das periferias à mercê da criminalidade e do ócio. Assim, dispondo de uma formação em educação e de amplas vivências no seio da cultura Hip Hop, bem como fazendo uso do conhecimento adquirido durante a longa e difícil caminhada que é a vida na periferia, o coletivo Família M.L.K. passou a reunir jovens, que em sua maioria já faziam parte de grupos de rap, com a finalidade de proporcionar formação política, artística e social, de modo a prepará-los para que estes pudessem ter maior participação social dentro de suas respectivas comunidades, bem como possibilitar a profissionalização destes jovens dentro da cultura Hip Hop.

Para viabilizar tal proposta o coletivo se estruturou em três núcleos, a saber: Formação e Cultura, Comunicação e Finanças.

Assim, dentro do coletivo Família M.L.K., o núcleo Formação e Cultura possui como função desenvolver grupos de estudos que debatam temas como: cultura Hip Hop, preconceito etnicorracial, violência, Estatuto da Criança e do Adolescente, etc; organizar ensaios coletivos e reuniões para planejamento de futuras atividades; desenvolver oficinas culturais para os jovens; organizar palestras e atividades de mesma natureza. Já o núcleo de Comunicação possui a função de estimular e articular possibilidades de produções independentes de CD's, DVD's, videoclipes,

⁹ A data de 04 de abril foi escolhida como data símbolo devido ao fato ser o mesmo dia e mês da morte de Martin Luther King Jr.

documentos e moda vestuário Hip Hop a baixo custo, com a finalidade de gerar renda para o artista a partir da vendagem do seu produto. Por fim, o núcleo de Finanças é encarregado de administrar os recursos adquiridos através dos projetos, doações e shows dos grupos, bem como prestar contas e cuidar de toda a parte burocrática que envolva a Família M.L.K.

Além do que já fora relatado, o coletivo desenvolve outras atividades, tais como participação efetiva na luta dos direitos da criança e do adolescente; articulação e promoção da casa do Hip Hop de Campinas; participação em conselhos locais de saúde; realização de eventos culturais; e desenvolvimento de projetos educacionais e sociais em parceria com organizações não governamentais.

E, dentre os grupos de rap que apoiam e colaboram para o desenvolvimento das atividades do coletivo Família M.L.K., estão: Função Original – grupo formado somente por adolescentes¹⁰ –, Conceito Real, Rima Q’age – grupo formado somente por mulheres–, Don Guetto, etc.

A partir do material documental analisado e das práticas observadas e relatadas, podemos considerar que o coletivo Família M.L.K. é uma organização social caracterizada pelo comprometimento com a educação não escolar, pois tem explicitamente o objetivo de reunir jovens de periferia para uma ação coletiva voltada para uma conscientização política e de exercício da cidadania, para a aprendizagem de conteúdos que não são abordados com profundidade na escola (como, por exemplo, o da questão racial e origem étnica do povo brasileiro) e para a produção artística cultural.

A Família M.L.K. é um coletivo que se organiza com a finalidade de se articular politicamente em busca do protagonismo social; traçando estratégias de ação coletiva para a superação das limitações da democracia representativa e pela conquista e concretização de direitos políticos, culturais e estéticos.

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO

Em relação ao adolescente, sei lá, a rua tem muita coisa a oferecer, muita coisa boa e muita coisa ruim. Eu andei batendo papo com os meninos, eles acabaram dizendo que a rua é melhor que a casa deles, que na rua eles têm a liberdade, eles podem fazer o que quiserem, eles podem ser crianças (Fred).

Antonio Frederico Pereira, o Fred é morador desde a infância da Vila Costa e Silva, bairro popular da cidade de Campinas. Estudou da primeira série do ensino fundamental ao ensino médio na “Escola Municipal de Primeiro e Segundo Grau Professor Adalberto da Silva”, localizada no

¹⁰ Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990 é considerado adolescente jovens entre 12 e 18 anos de idade.

mesmo bairro. Quando adolescente passou a frequentar um curso de marcenaria oferecido pelo Colégio Salesiano São José, em período de contraturno ao escolar.

Eu fazia São José, sabe a Escola Salesiana São José, dos nove até os dezoito, quase. Eu frequentava uma escola aqui, uma escola pública aqui no bairro, mas no São José eu ia fazer curso de marcenaria, jogar bola.

Ao completar o ensino médio e os programas de formação complementar da Escola Salesiana, Fred nos conta que permaneceu um extenso período desempregado e que, ocioso, ficava grande parte do dia na rua. E fora, a partir daí, que conheceu o Hip Hop e passou a se envolver cada vez mais com as atividades do movimento.

[...] não tinha o que fazer assim muito em casa. Aí, comecei a frequentar as organizações de hip hop e tal, andar com o pessoal, manter grupo de rap, comecei a andar mais com um pessoal assim, conheci o partido político e a hora que eu fui me dar conta, eu já estava fazendo alguma coisa social. O pessoal veio com esse barato de oficina de hip hop. Inclusive eu fui junto com um grupo... nós somos os pioneiros em oficinas de hip hop em Campinas.

Segundo o rapper, na cidade de Campinas as atividades do movimento Hip Hop, durante muitos anos, eram voltadas aos eventos culturais que aconteciam em espaços públicos da cidade – praças e ruas – e, também, havia os bailes black que aconteciam em casas noturnas; neste eventos os jovens se reuniam para assistir às apresentações de grupos de rap, grafite e break. No entanto, devido à grande repercussão e forte expressão deste movimento entre os jovens, logo começaram a surgir projetos que articulavam educação e Hip Hop. Assim, Fred nos conta:

No movimento (Hip Hop campineiro) a gente fazia show, cantava, fazia festa, grafitava. Mas, dar oficina, querer ensinar alguma coisa ligada à cidadania em Campinas, não tinha isso. Aí, eu participei de um projeto piloto, pela Secretaria de Educação, onde a gente trabalhou dois, três meses para eles, sem pegar um centavo. E, era assim, se der certo você recebe, se não der certo, você não recebe. Aí, deu certo, a gente recebeu e tal [...].

Ao relatar uma de suas primeiras experiências com educação, o rapper fala de um período que desenvolveu oficinas de Hip Hop em um bairro de periferia da cidade de Campinas. Nestas oficinas Fred ensinava a adolescentes como escrever uma letra de rap e os esclarecia a respeito de todas as etapas de um processo de composição, desde o momento em que surge o tema a ser desenvolvido à redação da primeira versão da letra – que é na verdade uma redação – até à elaboração e aprimoramento das rimas. Este trabalho proporcionou ao rapper um renomado prêmio da Rede Anhanguera de Comunicação. Sobre esta experiência ressaltamos a seguinte fala do Fred:

[...] Inclusive tem até uma história que a gente pulava a roleta do ônibus, pra ir lá no Florence, dar oficina, né? Um dia, a gente roubou um bolo na padaria porque os caras estavam com fome, isso é loucura? E, inclusive, por essa oficina no Florence, que a gente fez, pulando a roleta, fui premiado, ganhei um prêmio. Aquele

Cidadão R.A.C., da Rede Ananguera, ganhou esse prêmio, já. Então, foi assim que começou e na hora que eu fui ver, tava envolvido, tava lá no meio.

Atualmente, o educador desenvolve oficinas semanais em um projeto financiado pela Prefeitura Municipal de Campinas e Secretaria de Cultura e Turismo em duas localidades distintas da cidade, tal projeto, também, possui parceria com a ong Taba, Campinas. As oficinas buscam desenvolver conteúdos e valores condizentes com o trabalho do Fred enquanto rapper e coordenador do coletivo Família M.L.K.

As atividades planejadas para serem desenvolvidas durante as oficinas buscam trabalhar exercícios e dinâmicas que permitem a seus participantes perceberem em diferentes situações a diversidade e as peculiaridades “do outro”, com que nos relacionamos cotidianamente. Assim, aparecem nos relatórios de projetos desenvolvidos atividades como: interpretação de músicas e vídeos através de debates em grupo; exercícios de expressão corporal e aquecimento do corpo; discussão de temas relacionados ao Hip Hop (saúde, preconceito, direitos e deveres, respeito, comunidade, combate às drogas, etc); elaboração de letra de rap pelos participantes a partir de temas que busquem conscientizar os jovens para a importância da comunidade; elaboração de coreografia de dança de rua (break) a ser executada em forma de apresentações culturais; grafiteagem de um painel com técnicas de pintura desenvolvidas pelos participantes da oficina.

Durante os relatos sobre as oficinas percebemos que alguns dos valores trabalhados e construídos nestes projetos remetem à necessidade de maior participação, comprometimento e união entre juventudes e comunidades. A considerar que as oficinas acontecem em bairros periféricos, nos quais os jovens da localidade são, por vezes, estereotipados e criminalizados por antecipação por determinados setores da sociedade e que projetos como estas oficinas realizadas pelo educador Fred contribuem significativamente para o desenvolvimento humano e para a formação política dos jovens de periferia. Desenvolvimento que se dá a partir de valores e referenciais considerados legítimos por estes jovens. Pois, estes valores e referenciais são gerados através de questionamentos que emergem da própria realidade local; realidade que está diretamente relacionada ao descaso público; às dificuldades de acesso e permanência à educação de qualidade; à escassez de políticas públicas e iniciativas voltadas aos jovens de periferia, que estimulem as vivências e o acesso ao lazer, esporte e à cultura de modo a garantir o atendimento da exigência do art. 59 do Estatuto da Criança e do Adolescente que prevê:

Art 59. Os municípios, com o apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para as programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.



No entanto, ao ser indagado sobre as maiores dificuldades de se desenvolver projetos socioeducativos. Fred aponta a escassez de recursos como principal determinante para a não realização de algumas atividades; porém, por vezes realizam-se as oficinas mesmo sem estruturas adequadas e espaços apropriados e, muitas vezes, trabalha-se muito e pouco, ou nada, se recebe.

Acreditamos que se os projetos socioeducativos, como os desenvolvidos pelo educador Fred, que articulam Hip Hop e formação política, não existissem o futuro dos meninos e meninas de periferia estaria determinado a uma realidade cada vez mais imersa à criminalidade, à gravidez precoce, ao envolvimento com drogas.

É a configuração destes projetos que possibilita a construção conjunta, entre educadores e juventudes, de elementos efetivos de mudança social de forma legítima, de modo a promover a educação não escolar como prática que utiliza conceitos da cultura para desenvolver conteúdos e saberes objetivando despertar uma força da participação social e política nesses sujeitos.

Em *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*, Maria da Glória Gohn afirma que a educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação (Gohn, 2001, p. 98).

Na medida em que os jovens das periferias tiverem conhecimento do desenvolvimento da cultura e das realidades do local onde vivem, e possuírem a autoestima trabalhada em prol de ações positivas, estes jovens terão grandes chances de potencializar conhecimentos e desenvolverem papéis sociais ativos que atuem na cultura política de sua rua, do seu bairro, da sua cidade, enfim, até do seu país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os princípios democráticos de justiça social e igualdade de oportunidades estão presentes nas pautas de debates entre os educadores brasileiros. Temas como juventude e drogas, educação pública, escolha profissional, juventude negra e cotas, vida política dos jovens, etc. também estão em voga na mídia, na escola, em espaços informais (como a rua) e algumas vezes em casa. No entanto, por vezes, quando abordamos em uma discussão estes temas desconsideramos a historicidade que os acompanha, e deixamos de lado os sujeitos envolvidos com estes temas; é comum esvaziarmos o tema e entendê-lo como um fenômeno e não como um processo histórico que envolve pessoas, ou melhor, sujeitos históricos.

É nesta perspectiva que este buscou compreender o gênero musical rap e o Hip Hop, como uma possibilidade educativa produzida por jovens das periferias urbanas que buscam alternativas às diversas formas de violências enfrentadas cotidianamente, bem como maior participação social e midiática.

Assim, pensar as possibilidades educativas que permeiam práticas do Movimento Hip Hop, mais especificamente do rap implica, necessariamente, pensar o cotidiano de vida de quem ouve, compõe, canta ou colabora de alguma forma para que este gênero musical seja produzido e divulgado.

Neste sentido, a análise de materiais como as letras de músicas, as conversas, os questionários, as organizações dos eventos, o estatuto e o regimento do coletivo Família M.L.K. e os projetos educacionais desenvolvidos pelo educador Fred nos revelou parte de histórias de vida e alguns dos valores que estão inseridos no cotidiano, nas relações e nos vínculos que são estabelecidos entre os jovens integrantes do coletivo. Tais valores podem ser apontados como o reconhecimento da importância do trabalho coletivo, a responsabilidade, o sentimento de pertencimento à comunidade, o respeito, o comprometimento, a amorosidade, a humildade, a perseverança, a amizade, a não violência, a solidariedade, a importância dos estudos, a boa conduta, a persistência, e principalmente a superação dos preconceitos.

E foi durante a realização da pesquisa monográfica que seus participantes perceberam-se inseridos em um amplo campo de práticas educativas possibilitadoras de uma formação política crítica viabilizadora de reflexões, que nos permite repensar o percurso histórico do povo negro no Brasil e repensar as próprias trajetórias enquanto jovens afrodescendentes de periferia.

Ao adentrar no universo do Hip Hop e conhecer as frentes de trabalho que possuem eixos temáticos relacionados à construção de uma identificação etnicorracial positiva e à formação política de jovens e os projetos desenvolvidos pelo coletivo Família M.L.K., torna-se possível perceber o potencial educativo das práticas que permeiam o movimento Hip Hop. É na forma de se organizarem e de se articularem na busca de conquistar maior participação social em campo político e na mídia que os jovens pertencentes a este coletivo traçam estratégias de ação coletiva para a superação das limitações da democracia representativa e lutam por conquistas e concretizações de direitos políticos, culturais e estéticos.

Cabe ainda apontar que o gênero musical rap pode ensinar às juventudes a sociabilizarem-se de forma não violenta, mas, também pode ensinar estratégias de resistência e luta às políticas públicas, às práticas e discursos comuns que estereotipam, subestimam e estigmatizam os jovens afro-brasileiros das periferias urbanas.



Aos educadores permanece a tarefa de se aproximar destes jovens com o intuito de buscar a compreensão das possibilidades educativas que permeiam o universo do movimento Hip Hop para que juntos possamos tornar possível repensar os significados e as atuações do sujeito, da comunidade e da escola na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira, análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). *R.A.P. e educação, R.A.P. é educação*. São Paulo: Editora Selo Negro, 1999.
- BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Imprensa Nacional: 1991.
- BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e Adolescente – ECA. *Diário Oficial da União*. Poder Legislativo, Brasília, 16 jul. 1990, Seção I, p. 13.563.
- GADOTTI, Moacir. *A questão da educação não-formal*. Sion (Suisse): Institut International Dês Droits de L´enfant (IDE), 2005.
- _____; PADILHA, Paulo Roberto; e CABEZUDO, Alicia. *Cidade educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.
- GOHN, Maria Glória. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação, políticas públicas, educação*, vol. 14, n. 50 p. 27-38, 2006.
- _____. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Educação não-formal no Brasil: anos 90. *Cidadania-Textos*. Campinas, n. 10, p. 1-138, 1997.
- _____, *Os Sem-Terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GONÇALVES, Carlos W. Porto. A territorialidade da seringueira. *Geographia*, ano 1, n. 2 p. 67-88, 1999.
- HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade Racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90*. Brasília, IPEA: 2001.
- LIMA, Mariana Semião. *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*. Campinas: FE/Unicamp, 2005.
- MAGRO, Viviane M. Mendonça. Adolescentes como autores de si próprio. Cotidiano, educação e o hip hop. *Cadernos CEDES*, Campinas, 2002.
- RODRIGUES, Glauco Bruce. Orçamento Participativo e movimento Hip Hop: duas formas de protagonismo sócio-espacial. In: *Um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano a partir do movimento hip hop*. Depto de Geografia/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- RODRIGUES, Glauco B.; e GONÇALVES, Carlos W. Porto. Geografia dos movimentos sociais: o caso do movimento hip hop. ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. *Anais do XIII Encontro*. João Pessoa: AGB, 2002. CD rom.
- ROSE, Tania. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In: HERSCHMAN, Michel (Org.). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SILVA, Elide Maria da. *Jovens negros na década de 90: denúncia, sociabilidade e construção de identidades étnica em torno do movimento hip-hop*. São Paulo, 2001.
- SILVA, José Carlos Gomes. Arte e educação: experiência do movimento hip hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.). *R.A.P. e educação, R.A.P. é educação*. São Paulo: Selo Negro, 1999.
- SILVA, Petronilha B. Gonçalves; SILVÉRIO, Valter Roberto. *Educação e Ações Afirmativas*. Brasília: INEP, 2003.
- SIQUEIRA, Cristiano Tierno. *Construção de saberes e criação de fazeres*. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSCar, 2004.